

Entre línguas e culturas: as traduções de Dom Pedro II*

Sergio Romanelli

*Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras
Universidade Federal de Santa Catarina
sergioroma70@gmail.com*

Resumo:

Neste artigo pretendo apresentar um dos projetos desenvolvidos pelo NUPROC (Núcleo de estudos de processos criativos, www.nuproc.cce.ufsc.br) junto ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da UFSC. Trata-se de uma investigação acerca do processo tradutório de Dom Pedro II. Os documentos de processo constituem-se de manuscritos de traduções de várias línguas feitas pelo Imperador e de cartas trocadas ao longo de sua vida com vários intelectuais europeus e americanos, além de páginas de seus diários que trazem informações relevantes acerca dessa atividade, não somente de tradução, mas intelectual *lato sensu*.

Palavras-chave: Dom Pedro II, Estudo de processo tradutório, Língua e Literatura Italiana.

Abstract:

In this article I present one of the projects developed by NUPROC (Center for study of creative processes, www.nuproc.cce.ufsc.br) at the Department of Foreign Language and Literature at UFSC. This is an investigation into the translation process of Dom Pedro II. The process documents are made up of manuscripts of translations of several languages made by Emperor Dom Pedro II and letters exchanged throughout his life with several European and American intellectuals, as well as pages from his diaries that provide relevant information concerning this activity, not only translation, but intellectual broadly.

Keywords: Emperor Dom Pedro II, the translation process, Italian Language and Literature.

Résumé:

Dans cet article je présente un des projets développés au sein de NUPROC (Centre d'études des processus créatives www.nuproc.cce.ufsc.br) du Département de Langues et littératures étrangères à l'UFSC. Il s'agit d'une recherche sur le processus de traduction suivi par Dom Pedro II. Les documents utilisés sont des manuscrits des plusieurs traductions faites par l'Empereur, des lettres échangées tout au long de sa vie avec quelques intellectuels européens et américains et des pages de ses journaux, qui nous offrent des informations d'intérêt particulier sur l'activité traductrice mais aussi sur l'activité intellectuelle *lato sensu*.

Mots clé : Empereur Dom Pedro II, processus de traduction, langue et littérature italiennes.

Resumen:

En este artículo presento uno de los proyectos desarrollados dentro del marco de NUPROC (Centro de estudios de procesos creativos www.nuproc.cce.ufsc.br) del Departamento de lenguas y literaturas extranjeras de la UFSC. SE trata de una investigación sobre el proceso de traducción que siguió don Pedro II. Los documentos utilizados son manuscritos de las diversas traducciones que realizó el Emperador, correspondencia que durante toda su vida intercambió con algunos intelectuales europeos y americanos, así como páginas de sus diarios; todo esto nos ofrece informaciones de interés particular sobre la actividad traductiva y sobre la actividad intelectual *lato sensu*.

Palabras clave: Emperador Don Pedro II, proceso de traducción, lengua y literatura italianas.

* Este artigo faz parte da investigação das traduções de Dom Pedro II: "Dom Pedro II: um tradutor Imperial" do NUPROC (Núcleo de estudos de processos criativos)

Introdução

O foco principal desta análise será o processo tradutório que diz respeito à tradução do italiano para o português de obras de Alessandro Manzoni (*Il Cinque Maggio*, *L'Adelchi* e *Il Conte di Carmagnola*), com o objetivo não somente de reconstituir a gênese tradutória do Imperador, mas também de entender as relações que ele mantinha com a cultura e a literatura italianas.

Pretendo traçar, através da análise desses documentos, o perfil de tradutor de Dom Pedro II, ou seja, estabelecer se podemos considerá-lo somente um tradutor *dilettante*, preocupado com o texto de partida e a fidelidade ao autor original, ou um tradutor interessado na língua dos textos, mas também nas culturas que elas representavam. Quero, ainda, estudar qual sua forma de se aproximar aos textos traduzidos e analisar que lugar ocupava a tradução como atividade intelectual em sua vida, considerando para isso também o contexto do Brasil da época. Não se trata somente de um estudo específico de um *corpus* peculiar, mas também de um estudo de caso inserido no polissistema cultural, social e histórico do Brasil da época do Império. Não é um caso, de fato, se a tradução e o Imperador tiveram um papel fundamental na constituição da identidade cultural e social do Brasil do século XIX.

1. Crítica genética e tradução: um prototexto peculiar

D. Pedro II, ou *O Magnânimo*, nasceu em 02 de dezembro de 1825. Governou o Brasil no período de 1840 a 1889 destacando-se como um grande incentivador da cultura e da educação. Além disso, tornou-se, com o passar do tempo, um convicto tradutor, guardando em seus diários não apenas observações cotidianas de tudo que o cercava, mas também traduções de diversas obras, em diversas línguas, dentre elas o italiano. Ele estudou com paixão e disciplina ao longo de sua vida e sempre encontrou amparo e felicidade na leitura e na atividade intelectual nos momentos mais difíceis de sua existência. O Imperador traduziu vários textos: em seu diário encontram-se também anotações a respeito de suas traduções e das datas em que foram realizadas, dos títulos das obras que se propôs traduzir de nomes como: Victor Hugo, Longfellow, Manzoni, Schiller, Liégeard, Homero, Lamartine, entre outros.¹ Dedicou-se de igual forma à troca de correspondências e a encontros com inúmeros intelectuais, poetas e escritores, de diversas partes do mundo. Por meio das cartas e das conversas obtinha informações, tirava dúvidas sobre palavras, trocava opiniões, além de receber apoio desses intelectuais que admiravam sua dedicação à tradução. E foi justamente dessa forma que ele começou a corresponder-se com o poeta e escritor italiano Alessandro Manzoni, vindo a conhecer, admirar e traduzir, por exemplo, o poema *Il Cinque Maggio*. Segundo Lyra (1938), as correspondências com Manzoni tiveram início no mesmo período que as de Alexandre Herculano e se estenderam por grande período, cerca de 20

¹ Quero citar aqui o trabalho de pesquisa pioneiro de Rosane de Souza que resultou na sua dissertação de Mestrado na Pget-Ufsc intitulada *A gênese de um processo tradutório: as Mil e uma noites de Dom Pedro II*, defendida em 2010 sob minha orientação. Trata-se de um trabalho relevante, pois pela primeira vez no Brasil se analisa a atividade tradutória do Imperador, em modo específico do árabe.

anos. Tendo início com um simples pedido de autógrafo e algumas estrofes da ode imortal *Il Cinque Maggio* em junho de 1851. As cartas que se seguiram foram mais próximas e o imperador já mais familiarizado com Manzoni permitiu-se comparar, apreciar o poeta e sua poesia. Encontraram-se pessoalmente em 1871, em Brussaglio.

Utilizarei nesta pesquisa os princípios da Crítica Genética (CG) e dos Estudos Descritivos da Tradução (EDT) para estudar o processo criativo de Dom Pedro II, a partir de seus manuscritos. Tentarei reconstituir, então, de uma forma empírica, com base nos dados colhidos e no *corpus* delimitado, o processo criativo do tradutor, tendo em vista detectar as leis e as normas seguidas, bem como as razões, as influências de vários tipos que o levariam a determinadas escolhas dentro de seu procedimento tradutório. Ao analisar esse processo tradutório, a metodologia da CG busca reconstruir, por aproximações, a ideia que o tradutor tem antes como leitor e, em seguida, como tradutor. De fato, os *dossiês* a serem estudados devem ser constituídos não só pelos manuscritos do tradutor, mas, também, pelos livros que leu e anotou nas margens, registrando as datas das sucessivas leituras; ou pelo catálogo da sua biblioteca pessoal e qualquer outro tipo de vestígio que tenha deixado. Antes de ter uma ideia do autor a ser traduzido, o tradutor, ao lidar com uma obra, já demonstra conhecimentos sobre tradução. Tais conhecimentos, tradicionalmente, eram observados a partir da obra editada, o que, na contemporaneidade, tem mudado para um enfoque que elege o processo como alvo das pesquisas, e não o produto *final*.

Conforme a metodologia dos EDT aliada à da CG, hoje se tem, portanto, enfatizado a importância do processo tradutório. Pode-se, então, tentar remontar à ideia de tradução a partir de seus metatextos, dos depoimentos do próprio tradutor e, no caso, a partir dos livros de tradução lidos e possuídos pelo tradutor em sua biblioteca pessoal, além dos próprios manuscritos tradutórios. Por isso, o estudo pretende investigar o que os dossiês revelam sobre o conceito de tradução que tem o tradutor ao traduzir. Por meio da CG, podem-se comparar as versões contidas nos manuscritos não somente acompanhando e entendendo o processo de tradução, mas, sobretudo, analisando a invenção artística do tradutor. Portanto, à primeira vista, ao se analisar os cadernos dos manuscritos, esse trabalho poderia soar como uma criação artística marcada pela instabilidade, mas que acaba revelando uma sistematicidade em que as leis daquela criação emergem.

O objeto de estudo é um objeto móvel constituído por anotações, rascunhos, diários, fragmentos vários, que caracterizam um objeto em criação. A fundamentação principal deste paradigma de pesquisa é a concepção de que, para os críticos genéticos, tanto a obra publicada quanto o seu rascunho são um único objeto.

Segundo quanto sustentado por Louis Hay no seu artigo, « O texto não existe: reflexões sobre a crítica genética » (2002, p. 29-44), dois elementos caracterizam qualquer registro de criação ou documento: as ideias de armazenamento e de experimentação. O artista, de fato, encontra vários modos de armazenar as informações que servem como princípios para realizar a obra e para testá-las. Todas as operações feitas pelo autor/tradutor deixam marcas que podem ser encontradas nos materiais diferentes deixados por ele, como: roteiros, mapas, planos, índices, sumários, esboços, primeiras redações, rascunhos, dactiloscritos, provas de impressão. Essa materialidade de documentos tem uma característica fundamental e marcante: a heterogeneidade.

A CG revela-se, com sua metodologia de reconstituição dos vestígios deixados pelo autor/tradutor ao longo do seu percurso criativo, uma aliada nova e eficaz nos estudos sobre tradução. A constatação básica em que ela se fundamenta, como sustenta Cecília Salles, é que:

[...] o texto definitivo de uma obra, publicado ou publicável, é, com raras exceções, resultado de um trabalho que se caracteriza por uma transformação progressiva. A obra surge a partir de um investimento de tempo, dedicação, e disciplina por parte do escritor [...] A obra entregue ao público é precedida por um complexo processo [...] (1992, p. 17).

O objetivo da CG é mostrar o avesso do texto publicado, ou seja, aquele processo complexo e interminável de correções, pesquisas, planos, esboços, a que o público, em geral, não tem acesso e que leva à crença, ainda muito comum, da obra que nasce já pronta como resultado espontâneo de pura inspiração. Ao contrário, essa nova orientação metodológica concebe a obra de arte não como um mero produto considerado acabado pelo artista, mas como uma cadeia infinita de agregação de ideias.

Se o manuscrito constitui o objeto físico principal do estudo da CG, as leis, as recorrências e as normas desse processo, assim como acontece nos EDT, constituem a preocupação da abordagem genética. Cada autor, de fato, segue um próprio mecanismo de produção em que intervêm vários fatores endógenos e exógenos (ou polissistemas) de natureza diversa e que influenciam de forma significativa o seu desenvolvimento:

O geneticista [...] pretende tornar a gênese legível, [...] o texto (re)estabelecido em sua gênese, revela fases da escritura, mostra o autor em seu fazer literário, na medida em que reconstitui os paradigmas visitados durante a aventura da criação poética. (SALLES, 1992, p. 19).

O prototexto desta pesquisa se constitui de manuscritos digitalizados adquiridos junto ao Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis e inclui: cartas de Manzoni a Dom Pedro II e vice-versa (15 no total); um manuscrito em italiano do original de Manzoni, uma versão autógrafa de tradução da poesia *Il Cinque Maggio* de autoria do Imperador e outra versão manuscrita de autoria do Barão da Barra; uma versão autógrafa da tradução da tragédia *Adelchi* e uma da tradução da tragédia *Il Conte di Carmagnola*. Segue descrição dos documentos por tipologia:

1) Carta de Manzoni a Dom Pedro II e vice-versa:

MAÇO 028-Doc1002;
 MAÇO 043-Doc1067 [D01-p. 01];
 MAÇO 119-Doc5892 [p.01-04]
 MAÇO 120-Doc5980 [p.01-03];
 MAÇO 149-Doc7196 [p.01-02];
 MAÇO 160-Doc7443 [A02];
 MAÇO 160-Doc7443 [D01];
 MAÇO 160-Doc7443 [D02];
 MAÇO 160-Doc7443 [D03-p. 01-03];
 MAÇO 166-Doc7603 [D01-p. 01/02];
 MAÇO 166-Doc7603 [D02];
 MAÇO 166-Doc7634 [D01-p.01/03];
 MAÇO 166-Doc7634 [D02];
 MAÇO 166-Doc7634 [D03];
 MAÇO 189-Doc8599.

2) Traduções da poesia *Il Cinque Maggio*:

MAÇO 043-Doc1067 [D25 p.01-04];
 MAÇO 043-Doc1067 [D26 p.01-04];
 MAÇO 160-Doc7443 [A01 p.01-07];

3) Tradução da tragédia *Adelchi*:

MAÇO 031-Doc1050 (I) Cat. B [D06 p.01-02];

4) Tradução da tragédia *Il Conte di Carmagnola*:

MAÇO 043-Doc1067 [D01 p.02-31].

2. Dom Pedro II na “República das Letras”

Ainda que nem todos os manuscritos até aqui encontrados apresentem vestígios de algum processo de reelaboração, parece relevante apresentar ao público brasileiro esses documentos esquecidos em arquivos espalhados pelo Brasil que revelam um aspecto aparentemente pouco pesquisado do Imperador. Retomando aqui as colocações de Claudia Amigo Pino, direi que o objetivo deste estudo não é a busca de uma origem, mas sim a busca de uma escritura que “[...] apontaria simplesmente relações entre textos que pudessem dar conta de um movimento escritural”. (2007, p. 103). De qualquer forma, esta pesquisa tem legitimidade se considerarmos que temos mais que dois textos, no caso duas traduções diferentes da obra em questão ainda que não pertençam sempre ao mesmo autor, e que não se trata de textos finais. Temos os manuscritos, tanto das obras em questão quanto das cartas, mas não sempre os até aqui encontrados (haverá outras missões em busca dos manuscritos faltantes) são suficientes para uma reconstituição do processo textual, mas é possível através do dossiê (cartas, diários e folhas soltas) reconstituir a rede que levou o Imperador a entrelaçar ligações estreitas com vários intelectuais dos quais traduziu algumas obras. Pretendo estudar essa rede peculiar no centro da qual havia o livro, objeto essencial para se defender das intempéries da vida e para se livrar de um papel que pouco lhe cabia: o de estadista. Afinal, é a leitura das obras

que traduz que o leva a contatar os intelectuais ou é a amizade e o desejo de ser apreciado e de alcançar física e intelectualmente esses autores que faz com que resolva traduzir suas obras para mostrar-lhes suas admiração e também a possibilidade de que o considerem de fato um intelectual? O que me parece ao analisar seu percurso é que realmente queria ser um intelectual entre os intelectuais, ser aceito naquela que Pascale Casanova chama da república mundial das letras, que possui limites e regras próprias independentemente de papéis e procedências:

Os grandes cosmopolitas (em geral políglotas) são de fato uma espécie de agentes de câmbio, “cambistas” encarregados de exportar de um espaço a outros textos dos quais fixam [...] o valor literário. Valery Larbaud [...] descrevia os literatos do mundo inteiro como membros de uma sociedade invisível, de certa forma “legisladores” da república das Letras. (2002, p. 37).

Dom Pedro II é um artista irreverente, mas contido pelo seu papel de Imperador; é dessa aristocracia invisível que provavelmente queria ser parte, uma aristocracia sem poder, sem títulos, uma sociedade de literatos que estabelece e consagra os grandes escritores. Escritores e tradutores têm um papel relevante e indispensável nesse novo espaço mundial estabelecido pelos textos: “Como a crítica, a tradução é por si só valorização ou consagração” (CASANOVA, 2002, p. 39). Pascale Casanova, ao citar o pensamento de Larbaud, lembra o papel fundamental e tríplice dos tradutores que enquanto traduzem aumentam sua riqueza intelectual, enriquecem sua literatura nacional e honram seu nome. No caso de Dom Pedro II, com certeza, a meu ver, o primeiro ponto é mais forte e é o que decorre da análise do dossiê genético. Além disso, pretendo detectar que tipo de tradutor Dom Pedro II era, para que usava a tradução? Era um tradutor que se conformava com os padrões tradutórios de sua época e classe social ou não? Estes são os objetivos da pesquisa que vários orientandos por mim coordenados estão levando adiante analisando as traduções de várias línguas: árabe, francês, inglês, italiano, alemão, hebraico, etc. para encontrar um mínimo comum denominador nessa vasta e surpreendente atividade tradutória. Existem leis e recorrências nesse conjunto de traduções? Remetem a que tipo de concepção e projeto intelectual? Ou simplesmente se caracterizam como uma atividade típica de um nobre do século XIX que ocupava seu tempo com literatura e línguas estrangeiras para vencer o ócio e ampliar seu conhecimento de culturas e lugares longínquos? Era Dom Pedro II um tradutor “imperial”? Por ser um imperador traduzindo e por ser um tradutor que traduzia como se fosse um imperador, ou seja, um representante de uma elite que tinha naquela época um preciso comportamento em relação à educação e ao papel da tradução e da literatura nesse processo de aprendizagem e de consolidação de suas prerrogativas privilegiadas?

Nesse sentido, o estudo na vida de Dom Pedro II ia além de uma normal rotina educacional, “mais do que hábito, leitura e estudo transformaram-se numa de suas paixões. Enfurnado no palácio, longe dos pais, educado por estranhos [...] fez dos livros um mundo à parte, em que podia isolar-se e proteger-se.” (De Carvalho, 2007, p. 29). O grande isolamento e a infelicidade que o seu precoce papel de Imperador lhe causava, o levou a buscar não somente amparo na leitura, mas também compensação afetiva e auto-afirmação nas intensas relações epistolares que

desde cedo estabeleceu com homens e mulheres e, sobretudo, com muitos intelectuais, os únicos que poderiam compartilhar sua necessidade e sede de conhecimento naquela invisível e transnacional república das letras.

Essa necessidade de comunicação, além dos assuntos políticos, é testemunhada pela prática constante, ao longo de sua vida, de escrever diários em que anotava toda sua atividade de forma quase maníaca. Conforme relata De Carvalho “O Imperador escreveu 5.500 páginas de diário, registradas a lápis em 43 cadernos.” (2007, p. 29); essas páginas se tornam fundamentais para acompanhar o processo criativo do Imperador, pois frequentes são as anotações acerca de sua atividade tradutória e acerca de livros, estudos e encontros. Nos seguintes trechos há uma confirmação da constância com que a atividade tradutória era presente em sua vida e o papel importante que desenvolvia na sua aprendizagem de línguas e culturas estrangeiras e para a sua afirmação no meio literário e não literário:

21 de novembro de 1872 “5^h ¼. Tomei o café e vou traduzir do hebreu”.²

18 de novembro de 1876 “Depois do almoço, enquanto não se seguia traduzi os Atos dos Apóstolos com o Henning [...]”.³

8 de julho de 1887 [...] “3h ½ Traduzi desde 2 ½ sânscrito com o Seibold”.

12 de julho de 1887 [...] “[sic] h ½. Acabei de traduzir árabe depois de comparar a tradução dos Lusíadas em alemão com o original e de continuar a traduzir as Mil e uma Noites no original com o Seibold”.⁴

1 de maio de 1888 [...] “8h ¾ Não pude acabar de traduzir o Soneto de Manzoni falando de si”.

“11h 40’ [...] Traduzi o soneto que Manzoni fez a si [...]”.⁵

Em outros diários observamos que após redigir uma primeira versão da tradução, quase sempre auxiliado por um especialista da língua e da cultura de origem, mandava transcrever a versão que, às vezes, retrabalhava; e antes disso, ou depois, conforme os casos, enviava suas traduções para amigos, intelectuais, amantes e outras pessoas, tanto para presentear-los com sua criatividade quanto para receber deles admiração, estima e um retorno acerca da qualidade de seu trabalho:

10¾ Hebraico e Camões. Estou acabando quase a comparação da tradução alemã dos Lusíadas com o original. [...] Li a minha tradução do árabe do conto das Mil e Uma Noites, que está lendo a mulher do Mota Maia a esta e ao marido seguindo-a ela em francês, e parecendo a ambos boa a que eu fiz. Como continuei a minha tradução nesse livro em branco só lhes deixei o livro da minha tradução que está todo escrito e vou procurar o anterior para lhes emprestar também [...].⁶

E ainda testemunhos do despertar súbito do desejo de traduzir determinado poema, o estudo aprofundado que seguia a esse primeiro momento de estímulo criativo e,

² VOLUME 14. Novembro de 1872 e Junho de 1873.

³ VOLUME 18 2ª VIAGEM AO EXTERIOR - 2ª PARTE (ORIENTE MÉDIO) 14/11 a 04/12/1876.

⁴ VOLUME 27 3ª VIAGEM AO EXTERIOR - PRIMEIRA PARTE 30/06/1887 a 26/04/1888.

⁵ VOLUME 28 3ª VIAGEM AO EXTERIOR - SEGUNDA PARTE 26/04 a 04/05/1888.

⁶ VOLUME 35 EXÍLIO - 17/11 a 25/12/1890.

em seguida, as transcrições e o envio para amigos e confiantes em busca de um julgamento ou de uma atestação de seu trabalho, confirmando certa regularidade no sistema criativo do Imperador:

17 de maio de 1891 [...] 10 h Li pouco de poesia do Liégeard, estudando-a para traduzi-la.⁷

28 de julho de 1890 [...] Deu-me vontade de traduzir a balada de Schiller [...].

6 de agosto de 1890 [...] Vou à tradução do Sino de Schiller depois de ter copiado o soneto com a data de hoje para dá-lo à condessa.

16 de agosto [...] 4h ³/₄ Acabei de ditar à Japurazinha a cópia de minha tradução de Schiller.

17 de agosto [...] 10h 10' Chegando à minha sala achei a Japurinha na cópia de minha tradução de O Sino de Schiller [...].⁸

Os diários, além de atestarem a devoção do Imperador ao estudo e às letras, permitem a reconstrução daquela particular “República das letras” internacional na qual o Imperador almejava ingressar. Para alcançar os membros dessa “República” viajou incansavelmente e quando não conseguia viajar tecia essa rede de literariedade com leituras e, sobretudo, suas cartas e traduções; a tradução se configura a meu ver como um, se não, o principal meio utilizado para ser aceito nessa comunidade de privilegiados, desde que com sua produção poética não teria alcançado o mesmo sucesso. Além disso, lembramos que um Imperador que se dedicasse às letras, produzindo textos próprios, seria considerado um imperador pouco atento aos afazeres políticos, mas um Imperador que traduzisse, ainda que muito, textos de outros, seria como todo intelectual da época, alguém que tentava através da tradução desenvolver seu conhecimento e se aprimorar nas línguas estrangeiras; em outras palavras, parecia mais comum que um Imperador traduzisse do que produzisse poemas próprios e dedicasse a isso tempo necessário para as questões políticas. A leitura dos manuscritos e do dossiê leva para outra direção, minha tese é que a tradução não era somente uma distração, mas ocupava na vida do Imperador uma posição estratégica e central, diria política, que ia além da questão meramente pessoal. Essa afirmação é respaldada pelo estudo genético e pela reconstituição do percurso invisível feito de encontros, sonetos, poemas, leituras, diários; uma materialidade do intelecto que os vestígios deixados nos arquivos nos permitem reconstruir. A condessa de Barral foi o artífice dessa teia de relações e também sua alma gêmea intelectual. É, sobretudo, no *Grand Tour* na Europa que ele encontra seus interlocutores mais importantes:

Partindo de Lisboa, visitou o norte de Portugal [...] e disparou numa maratona que o levou à Espanha, França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Áustria, Itália, Egito, Suíça, Paris. [...] A rotina da viagem era a de sempre: visitas a instituições de cultura, educação e ciência, a lugares históricos e, sobretudo, a personagens do mundo cultural. (DE CARVALHO, 2007, p. 149).

⁷ VOLUME 39 EXÍLIO - 27/04 a 12/06 de 1891.

⁸ VOLUME 32 EXÍLIO - 13/06 a 08/08/1890.

3. Manzoni, Dom Pedro II e a tradução

A lista de grandes nomes que encontra nessas viagens é muito relevante, mas citamos aqui Wagner, Pasteur, Hugo e, na Itália, Manzoni e Beccaria, entre os outros. A grande admiração recíproca entre ele e Manzoni e a relação intelectual e criativa é testemunhada por uma das tantas cartas que trocaram ao longo de suas vidas. Na seguinte transcrição da carta de 15/04/1853 há por sinal uma confirmação não somente da tradução, mas da discussão minuciosa que entretinham acerca do processo criativo de ambos, a saber:

Fol. 2

Non so anche come sprimerLe la mia riconoscenza, mista
pur troppo d'orgogli, per l'attenzione che s'è degnata di dare
ad alcuni miei poveri versi. Il cenno gentile che mi dà d'averli
conosciuti fino dalla tenera età, mi spiega in parte un tale eccesso
d'indulgenza. [...]
Sono poi mortificatissimo di non poter darLe le spiegazioni che
ha la somma Bontà di desiderare, e mi fa l'onore di chiedermi, intorno

Fol. 3

a quasi tutte le lezioni differenti d'alcuni versi dell'ode di cui
ha voluto gradire con tanta degnazione una mia copia. Le due
edizioni di cui mi fa cenno, io non le ho mai viste, e non potrei
procurarmele, avendo io medesimo fatta istanza perché non fosse
permessa l'entrata all'edizioni straniere de' miei scritti. La sola
variante che mi sia nota, è quella del Ferve sostituito al serve.
E, per non mancare all'usanza de' poeti, difenderò arditamente
la mia lezione, e per il merito dell'antitesi, accenata dalla
Maestà Vostra, e perché il sentimento che sarebbe espresso
dal Ferve è già toccato implicitamente nelle parole ansia e
indocile, del verso precedente.⁹

A estrofe acerca da qual discutem na carta e que apresenta em algumas edições estrangeiras variantes que tanto Manzoni quanto Dom Pedro consideravam duvidosas é a seguinte:

La procellosa e trepida
Gioia d'un gran disegno,
L'ansia d'un cor che indocile
Serve, pensando al regno,
E il giunge, e tiene un premio
Ch'era follia sperar,

Exatamente nesse ano Dom Pedro II traduz pela primeira vez a ode “*Il Cinque Maggio*” que retoma em 1869 e em 1871, mas somente esta última versão foi encontrada no Museu Imperial de Petrópolis:

⁹ [CARTA DE MANZONI A D PEDRO- 15/04/1853] Maço 119 – Doc 5892.

Morreu e, qual marmoreo,
 Solto o postremo alento,
 O corpo jaz exanime,
 Orphão d'um tal portento,
 Assim surpresa, attonita
 A terra co'a nova está

Muda, pensando na ultima
 Hora do homem fatal,
 Nem sabe se tão celebre
 Planta de pé mortal
 Seu pó de sangue avido
 Inda pisar virá.

Fulgido sobre o solio
 Nem genio o viu; calou-se.
 Quando, por vezes varias,
 Cahiu, surgiu, prostrou-se
 A minha voz d'innumeras
 Ouvido não terá.

Virgem de vil encomio
 E de covarde insulto,

Surge, abalado ao subito
 Finar do ingente vulto,
 E solta à urna um cantico
 Immorredor quiçá.

Dos Alpes ás Pyramides, ⁽¹⁾
 Do Manzanar ao Rheno,
 Elle fuzila; e rapido
 Raio é o seu aceno.
 Troou de Scylla ao Tanais
 D'um até outro mar.

Foi vera gloria? Aos posteros
 A ardua sentença; a nós
 Curvar a fronte ao Maximo
 Factor, que d'elle apoz
 Quiz de seu almo Espirito
 Rasto maior deixar.

O procelloso e trepido
 Prazer d'um grande plano,
 A ancia de quem indomito
 Serve p'ra ser soberano,
 E o é; e ganha premio,
 Que era mania esp'rar.

⁽¹⁾ Escripto perto das pyramides de Ghizel, a 5 de Novembro de 1871. [Nota do tradutor]

Fol. 03

Tudo provou; a gloria
 Maior depois dos transes;
 A fuga e a victoria;
 Do paço e exílio os lances;
 Duas vezes no pó infimo;
 Duas vezes sobre o altar.

Seu nome diz: dous seculos,
 Um contra o outro armado,
 Humildes vão render-se-lhe
 Como aguardando o fado.
 Impoz silencio e arbitro
 Entre elles se sentou.

E foi-se! E os dias no ocio,
 Em praia exigua finda;
 Alvo de inveja livida,
 E de piedade infinda;
 D'inextinguivel odio,
 E amor, que não mudou.

Como a cabeça ao naufrago
 A onda verga e envolve;
 Onda na qual o misero
 De cima a vista volve,
 E a divisar esforça-se
 Praia remota em vão,

Fol. 04

Tal da memoria o cumulo
 Sobre aquella alma cae.
 Que vezes elle aos posteros
 A si narrar-se vae;
 E sobre a eterna pagina
 Tomba a cansada mão!

Que vezes elle, ao tacito
 Morrer d'ignavo dia,
 Baixo o olhar fulmineo,
 Braços crusados, via
 Os dias, que já forão-se,
 A mente lh'assaltar!

As moveis tendas lembrão-lhe
 Dos muros os abalos,
 Dos sabres os relampagos,
 A onda dos cavallos;
 O concitado imperio
 O prompto obedecer.

Talvez ao crú martyrio
Cedeu o forte seio;
Desesperou; mas valido
Braco celeste veio,
E para um ar mais limpido
Piedoso o transportou.

E guia-o pelo flórido

Fol. 05

Trilho da esperança,
Ao campo eterno, ao premio
Que além do almejo avança;
Onde é noite, é silencio
A gloria que passou.

Bella, immortal, benefica
Fé, a vencer affeita,
Inda isto escreve: alegre-te;
Que alteza mais eleita
Ao destronar do Golgotha
Jamais se prosternou.

Tu, d'estas cinzas frigidias,
O impio fallar isola.
Deus que te abate e eleva-te,
Que te afflige e consola,
Sobre o deserto thalamo
Ao lado seu pousou.

Das outras versões não se tem ainda os manuscritos, mas somente transcrições e citações indiretas, encontradas nos livros de 1932 de Medeiros e Albuquerque (p. 42-47) e de Alessandra Vannucci de 2004 (p. 79-80).

Conclusões

O estágio ainda inicial de minha pesquisa não permite conclusões muito mais exaustivas, até porque ainda muitos manuscritos precisam ser encontrados e ainda falta organizar, transcrever e analisar bem os já encontrados. Certamente, o corpus até aqui mostrado revela uma história extraordinária e invisível ou até agora pouco contada, a da tentativa de um grande homem brasileiro do século XIX de superar o seu destino ou papel que seu destino lhe dera para, através da tradução e da criação literária, chegar ao desvelar de sua verdadeira índole, a de um homem apaixonado pela cultura e pelas letras. Esse percurso até agora esquecido ou ignorado chega à luz graças aos estudos genéticos e as possibilidades que o estudo dos manuscritos em uma perspectiva genética possibilita. O que é importante destacar aqui é que, como mostrado na breve análise do prototexto ilustrado acima, a tradução não somente tem um papel central na vida do Imperador que se dedicava a ela cotidianamente como mostram as cartas, mas era o meio privilegiado que ele escolheu para entrar em contato com intelectuais europeus e norte-americanos que admirava e que deveriam ajudar no plano de constituir através da cultura um estado unitário inspirado em princípios românticos e que tivesse a educação como pilar principal. A tradução para Dom Pedro, como podemos deduzir da análise dos manuscritos, tem uma relevância não somente do ponto de vista literário, mas formativa e político; a historiografia tem, desde o século XIX, descrito com certa distância e superficialidade essa atividade do Imperador, desconsiderando propositadamente ou por descuido o fato de que não se tratava simplesmente do exercício intelectual de um estadista entediado, mas parte de um preciso projeto pessoal e social. A análise desses manuscritos, esquecidos durante anos nos arquivos brasileiros, permite reavaliar de uma forma menos superficial e parcial o papel da cultura e da tradução na vida do Imperador e também corrigir o injusto juízo que muitos teóricos, em consequência do desconhecimento da amplitude da atividade tradutória do Imperador (inúmeras traduções de várias línguas estão sendo descobertas somente agora pelo nosso grupo de pesquisa, o NUPROC) classificaram como pouco relevantes até literariamente esses exercícios tradutórios de Dom Pedro dedicando poucas linhas a um fenômeno que nos parece muito mais relevante e central para se entender não somente a figura do Imperador, mas um momento histórico específico de construção da identidade brasileira. Não é casual a escolha de autores e textos que o Imperador fez, pois se muitos são de fato textos centrais da literatura mundial, é verdade que há também textos polêmicos, ambíguos, representativos de culturas e literaturas periféricas: a tradução do *Hitopadeça* do sânscrito, a tradução das *Mil e uma noites* do árabe com a preservação do obsceno censurado nas traduções francesas de Gallard; a tradução de cantos políticos do *Inferno* de Dante, como o do Conde Ugolino, a tradução de textos políticos do Manzoni e o contato com intelectuais e políticos como o italiano Cesare Cantú, um representante notável do catolicismo liberal com o qual o Imperador trocou cartas ao longo de sua vida, etc. A análise genética possibilita, enfim, neste caso, o resgate desse conjunto de manuscritos e a sua análise para se chegar a um entendimento mais aprofundado, teórica e metodologicamente mais preciso, do papel da tradução no Segundo Império.

Referências bibliográficas:

- CARVALHO, José Murilo de. D. Pedro II. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CASANOVA, Pascale. A República Mundial das Letras. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- DOM PEDRO II. Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1890. Organização de Begonha Bediaga, Petrópolis: Museu Imperial, 1999.
- HAY, L. « O texto não existe » : reflexões sobre a crítica genética. In : ZULAR, R. (Org.). Criação em processo ensaios de crítica genética. São Paulo, EDITORA ILLUMINURAS LTDA., 2002, p. 29-44.
- LYRA, Heitor. História de Dom Pedro II, 1825-1891. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1977.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE. Poesias completas de Dom Pedro II. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1932.
- PINO, Claudia Amigo; ZULAR Roberto. Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- SALLES, C. Almeida. Crítica Genética. São Paulo, Educ, 1992.
- SOUZA, Rosane De. A gênese de um processo tradutório: as Mil e uma noites de Dom Pedro II. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: Pget-Ufsc, 2010, 136 pp.
- VANNUCCI, Alessandra (org.). Uma amizade revelada. Correspondência entre o Imperador dom Pedro II e Adelaide Ristori, a maior atriz de seu tempo. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.